

## CORREIO CULTURAL

Marcos Morteira/Divulgação



Juliana e Maitê, protagonistas da nova montagem

## 'A Dona da História', de 1997, ganha nova montagem

Encenado entre 1997 e 1998 com grande sucesso, o espetáculo "A Dona da História", de João Falcão — que ganhou também uma bem-sucedida versão para o cinema pelas mãos de Daniel Filho —, retorna ao palco em novíssima montagem, sob a direção de Heitor Martinez, em cartaz no Teatro Candido Mendes. A produção é das atrizes Ju-

liana Martins e Maitê Padilha, que interpretam os papéis que foram de Marieta Severo e Andréa Beltrão há 27 anos. Prova de que a arte imita a vida, Juliana, que acaba de completar 50 anos e 40 de carreira, leva para a cena justamente os dilemas de uma mulher de meia-idade que precisa lidar com o resultado de escolhas do passado.

### Frida em Manaus

Manaus promove até domingo o 18º Festival de Teatro da Amazônia com 30 espetáculos de vários estados. "Tempero de Frida", com dramaturgia e atuação de Rosana Reátegui e direção de Tatiana Motta Lima, é um dos representantes do Rio.

### Pela Flip

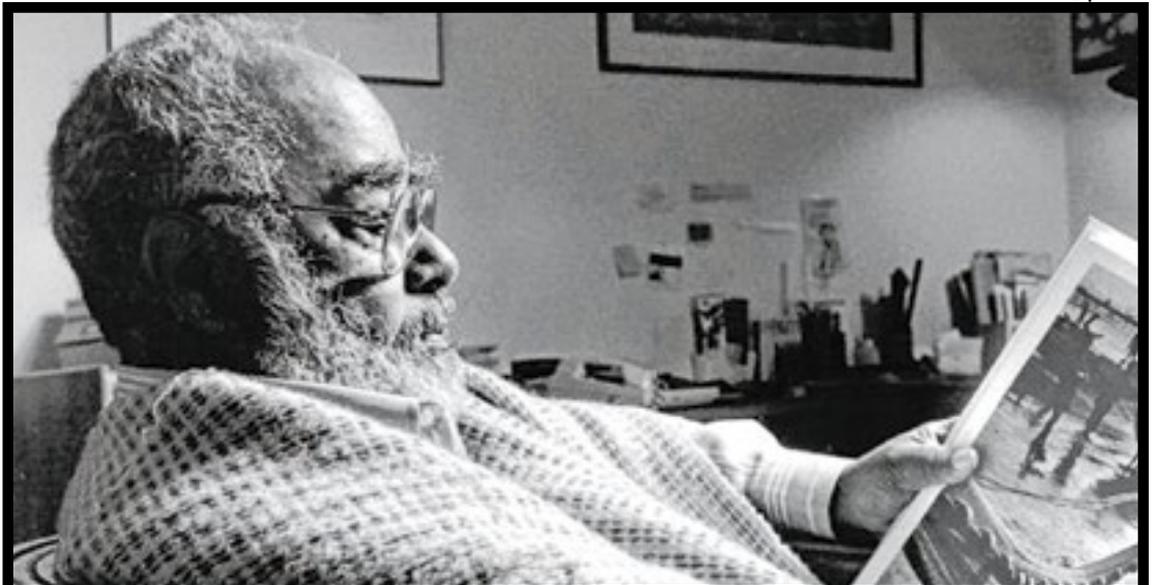
As escritoras Léonora Miano e Eliana Alves Cruz estarão na 22ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) nesta quinta-feira (10). Elas unirão as suas histórias na mesa "Da poeira que viemos", no auditório da Praça da Matriz, às 12h.

### Celebração

O 1º Festival Internacional de Teatro Brasil no Chapitô apresenta terá sua primeira edição de 11 de outubro a 3 de novembro, no Chapitô, em Lisboa. O evento celebrará o teatro brasileiro no histórico espaço do Chapitô com quatro espetáculos.

### Pela Flip II

Ainda na quinta, às 14h, Tino Freitas bate papo com leitoras na Casa Sembra. E, às 17h, Cidinha da Silva troca ideias com Henrique Rodrigues, curador do Prêmio Pallas de Literatura, e Rogério Duarte no painel Prêmios e Concursos Literários.



**Abdias do Nascimento foi poeta, dramaturgo, artista visual, ativista pan-africano, deputado federal, senador e professor emérito da Universidade do Estado de Nova York**

# Valorizar a cultura afro-brasileira para combater o racismo

**F**undado em 13 de outubro de 1944 por Abdias do Nascimento, José Herbal, Theodorico dos Santos, Aguinaldo Camargo e Wilson Tibério no Café Vermelhinho, na Cinelândia, o Teatro Experimental do Negro tinha como objetivo principal valorizar a cultura afro-brasileira e combater o racismo através da arte e da educação.

Criado num contexto histórico marcado pela discriminação racial, o TEN buscava dar voz aos negros brasileiros e promover a igualdade racial. Além de apresentar peças teatrais, o grupo também realizava atividades educativas e culturais, como palestras, debates e oficinas.

O repertório do TEN incluía tanto peças clássicas, adaptadas para a realidade brasileira, quanto peças originais de autores negros. Entre as montagens de maiores su-

cesso estão: O "Imperador Jones", adaptação do texto de Eugene O'Neill; "O Moleque Sonhador", peça original que abordava a temática da discriminação racial no país; e "Othello", adaptação do clássico shakespeariano com um elenco totalmente negro.

O TEN foi fundamental para a conscientização sobre a questão racial no Brasil e inspirou a criação de outros grupos teatrais e movimentos sociais.

Desde seu início, o TEN obteve ampla visibilidade. O jornal O Radical de 14 de outubro de 1944 registrou o fato histórico, informando que ao grupo inicial de fundadores se juntaram Arinda Serafim, Ruth de Souza, Claudiano Filho, Oscar Araújo, José da Silva, Antonieta, Antonio Barbosa e Natalino Dionísio, entre muitos outros.

Poeta, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africano, Abdias do Nascimento foi deputado federal, senador e professor emérito da Universidade do Estado de Nova York (EUA). Além de fundar o TEN, organizou em 1950 o 1º Congresso do Negro Brasileiro, que decidiu pela necessidade de se criar um Museu de Arte Negra. Abdias atuou como curador do projeto até 1968.

No exílio, durante a ditadura militar, continuou colecionando obras doadas à coleção por artistas africanos e da diáspora, fazendo contatos com artistas e conceituando o que seria um Museu de Arte Negra.

A partir de 1968, Abdias passou a desenvolver seu próprio trabalho na pintura e exibiu em museus, galerias, centros culturais e universidades em todas as regiões dos Estados Unidos. Continuou pintando na volta ao Brasil, onde fundou o Ipeafro, que realizou exposições em museus e instituições culturais em Paris e em várias cidades do Brasil.

O documentário "Ecos do Teatro Experimental do Negro" e esta nova edição de "Dramas para Negros e Prólogo para Brancos" são marcos importantes que integram o Biênio Abdias do Nascimento, um conjunto de ações celebrando o 110º aniversário de Abdias e os 80 anos do TEN em 2024.